

ANA PAULA DE OLIVEIRA LOPES*

ÁLBUM GRÁFICO DE MATTO-GROSSO: PERCORRENDO OS CAMINHOS, CRIANDO
TESSITURAS*

Resumo: Pretende-se neste artigo apresentar o *Album Graphico de Matto-Grosso*, objeto da minha dissertação, de mestrado em História na Universidade Federal de Mato Grosso, analisado como uma peça publicitária editada em 1914. Diante do fascínio que o conjunto de textos e imagens exerce a todos que se dedicam a folhear as suas centenas de páginas do *Album* que tem se consolidado como uma grande fonte de pesquisa de diversas áreas do conhecimento e como recursos didáticos aos professores da educação básica. Como estratégia para fazer a apresentação da obra seguir-se-á os caminhos que inspiraram a sua construção para além de uma demanda exclusivamente local, mas como membro de uma rede de produções publicitárias da América Latina e do Brasil. Em seguida, aprofundar-se-á na descrição dos personagens que deram formas e enredos a obra como os organizadores, colaboradores e fotógrafos envolvidos na construção dessa peça publicitária.

Palavras-chave: rede de álbuns, *Album Graphico de Matto-Grosso*, publicidade.

Abstract The aim of this paper is to present the *Album Graphico de Matto-Grosso*, the subject of my thesis, as a result of a Master of History at Universidade Federal de Mato Grosso, considered as a piece of advertisement published in 1914. Given the fascination that the set of texts and images has for all who dedicate to peruse its hundreds of pages, the *Album* has been established as a major source of research in various areas of knowledge and as didactic resources for teachers from basic education. As a strategy to make the presentation of the work will follow the paths that inspired its construction beyond a purely local demand, but as a member of a network of advertising productions from Latin America and Brazil. Then, it will deepen the description of the characters and plots that have given shape to the work as its organizers, contributors and photographers involved in the construction of this advertisement.

Keywords: albums network; *Album Graphico de Matto-Grosso*; advertisement.

Introdução

Pensar na história dos suportes que agregam as imagens fotográficas, os álbuns, nos faz retornar por um longo percurso que tem como ponto de saída a República

* Mestre em História pela UFMT, especialista em antropologia pela UFMT. Servidora da SEDUC/MT.

* Artigo elaborado com base na dissertação de mestrado defendido em 2009 intitulado – *Album Graphico de Matto Grosso*: as imagens de um Estado que se pretende moderno – sob a orientação da Profa. Dra. Maria de Fátima Costa.

romana entre os séculos I a V a.C., quando temos os primeiros indícios da criação da palavra, que carregava o sentido de espaço de anúncios.

Nos anos de 451 a 449 a.C., os álbuns foram utilizados como local para a publicação de leis que deram origem a *Lex Duodecim Tabularum* ou a “Lei das XII Tábuas”. George Hacquard informa que essas leis eram escritas sobre tábuas de madeiras branqueadas com letras negras e, mais tarde, sobre pranchas de mármore ou de bronze. (HACQUARD, 1952.)

Todavia, a trajetória histórica percorrida pela palavra *lbe deu*, ao longo dos séculos, outras dimensões. Mesmo que ainda sejam concebidas como instrumento de divulgação, os álbuns ganharam novos formatos, chegando ao século XIX como um objeto para o agrupamento de imagens e, sobretudo, de fotografias.

Nesse período, entre o século XIX e início do XX, temos a popularização dos usos de fotografia e o *boom* mundial das imagens, que junto com ampliação dos meios de comunicação de massa, desencadeada pelo crescimento da imprensa, multiplicou ao infinito as possibilidades de reproduzir e consumir imagens. Isso levou a pesquisadora Patrícia Santos Frnco a “brincar” nas suas projeções sobre o significado dessa expansão, ao afirmar que “[...] o *Homo Sapiens* está se tornando, cada vez mais, um *Homo Videns* correndo risco de se perder nesse mar de imagens (FRANCO, 2006, 28)

Com a explosão da produção, da comercialização e dos desejos pelas imagens nas formas de retratos, de cartões de visita e postais, criam-se novas necessidades para acomodá-las e apresentá-las, os Álbuns, que logo se tornam objeto de desejo, como marcas de *status* da sociedade. Para Walter Benjamin, eles tinham um espaço reservado “[...] nos lugares mais glaciais da casa, em *consoles* ou *guéridons*, na sala de visitas em grandes volumes encadernados em couro, com horríveis fechos de metal, e as páginas com margens douradas com a espessura de um dedo [...]” (BENJAMIN,1991, 225) e cada vez mais sofisticada até chegarem ao requinte dos “álbuns sonoros”, ainda em 1875. Annateresa Fabris amplia o leque de compreensão pelo anseio de álbuns ao afirmar que se tornam uma necessidade para a mentalidade classificadora do século XIX (FABRIS, 1998, 42)

O conjunto de álbuns pode ser dividido em pelo menos duas linhas temáticas: Álbuns de Família e Álbuns de Circulação Pública. O primeiro dedica-se a guardar as recordações dos filhos, casamentos, batizadas, ritos de funeral, todos restritos ao universo do mundo privado.

Já o segundo, o Álbum de Circulação Pública, é considerado como produções concebidas para apresentar a nação, o Estado e as empresas, como os álbuns de cidades que se destinam a mostrar aspectos do mundo urbano ao melhor estilo da *Belle Époque*. A divulgação desse estilo significou demonstrar, pela organização das imagens fotográficas, os principais preceitos urbanísticos do momento, como os melhoramentos sanitários, os traçados das ruas e a presença dos avanços tecnológicos, para a organização da racionalidade urbana como a iluminação elétrica, os meios de comunicação, além dos transportes. Pelos álbuns, cria-se uma nova cidade e um novo estilo de viver no ambiente da *urbs*.

A rede de Álbuns

Diante do movimento desencadeado pela necessidade de locais específicos para arranjos das imagens e a apropriação desses objetos em favor de uma ação propagandística que temos um primeiro elemento a ser considerado para compreender os caminhos que inspiraram a construção do *Album Grafico de Matto-Grosso*.

Perseguindo as produções de álbum com foco para a ação publicitária na América Latina e no Brasil, realizou-se um levantamento nas bibliotecas que disponibilizam os catálogos para consultas virtuais e parte dos seus acervos digitalizados para fazer um mapeamento preliminar dessa demanda, no período de 1870 até 1930.

Na pesquisa localizou-se 47 produções de vários países como México, Argentina, Bolívia, El Salvador, Honduras, Uruguai, Nicarágua, Chile, Paraguai e Cuba¹, sendo que alguns álbuns estão digitalizados e possíveis de ser folheados virtualmente. Através deste levantamento, observa-se que foi sendo montada uma rede de álbuns para satisfazer às diferentes demandas públicas e política com a característica comum de propagandear o que se concebia como modernidade e progresso, nas cidades, com imagens fotográficas intencionadas em provocar encantamentos.

Um importante evento mobilizador para a construção de álbuns foram as exposições internacionais, bem como as nacionais e as temáticas.

¹ Foram realizadas pesquisas *on-line* nas bibliotecas Nacional do Rio de Janeiro (Brasil), do Panamá, Bolívia e Argentina; Biblioteca da Universidade Nacional Autónoma do México, do Arquivo da Academia Nacional da Argentina, além de informações compiladas através de artigos acadêmicos. Porém os indícios sugerem que este número pode ser superior. Dessa forma, os dados serão analisados como uma simples amostragem da diversidade dos usos feitos pelos governos e instituições na utilização dessa tipologia editorial.

Essas exposições, de acordo com a historiadora Sandra Jatahy Pesavento, funcionavam como um arauto da ordem burguesa e eram os meios pelos quais circulavam não só mercadorias, mas as ideias, os caminhos, os sonhos e os desejos em escalas internacionais da crença no progresso da humanidade. Esses “encontros” mundiais de nações seriam como um apelo de “canto de sereia” para apresentar o triunfo do capitalismo com os novos desenhos das paisagens urbanas, bem como o avanço da ciência para desvendar os mistérios da natureza) (PESAVENTO 1997)

Os álbuns eram objetos importantes nessas exposições, afinal buscava-se seduzir e convencer o público, pelos textos e imagens, de que nos lugares mais remotos do globo, as transformações se faziam presentes. No caso das exposições nacionais, essas mesmas pretensões ocorriam, bem como nas Exposições Temáticas, nas quais as diferentes províncias, depois Estados, mostravam sua potência como, por exemplo, as Exposições da Indústria (1881), da Higiene (1909) e da Borracha (1913) que aconteceram na cidade do Rio de Janeiro.

Um exemplo dessa rede de álbuns, na América Latina, é o *Album Grafico de la Republica del Paraguay*, peça publicitária, dedicada a comemorar o centenário da independência da República vizinha. Esse *Album* tem a capa representada pela (Figura 1) e a equipe técnica *El personal del Album Gráfico*, (Figura 2).

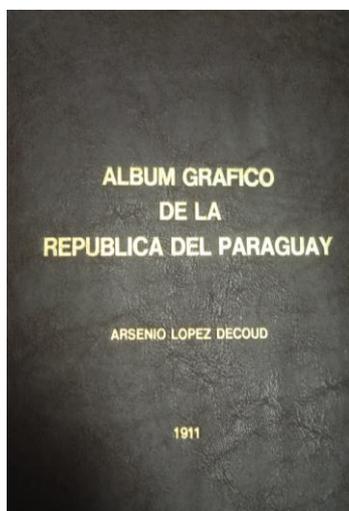


Figura 1 – Album Grafico de la Republica del Paraguay
Fonte: DECOUD, Arsenio Lopez. *Album grafico de la República del Paraguay*. 1911. Edição *fac-simile* de 1983. Assunção: Cromos SRL; Buenos Aires: Talleres Gráficos de La Compañía Geral de Fósforos, 1983.



Figura 2 – El personal del Album Gráfico
Fonte: DECOUD, Arsenio Lopez. *Album grafico de la República del Paraguay*. 1911. Edição *fac-simile* de 1983. Assunção: Cromos SRL; Buenos Aires: Talleres Gráficos de La Compañía Geral de Fósforos, 1983.

O responsável pela organização do *Album del Paraguay* foi Arsenio Decoud, cujo o retrato não aparece na página dedicada à equipe técnica, mas, tem seu nome registrado na capa da obra.

Verificam-se, pelas imagens e legendas que acompanham cada retrato, da Figura 2, os personagens que executaram o empreendimento. Este grupo era composto por três fotógrafos, sendo um deles F. S. Salcedo (localizado na primeira coluna da esquerda, retrato central) e atuou como fotógrafo do *Album de Matto-Grosso*. Os outros são Antonio Rolla (o primeiro localizado abaixo do fotógrafo Salcedo) e Erico Pratto, proprietário do primeiro estabelecimento fotográfico do Paraguai, cujo retrato é o primeiro de cima para baixo da coluna do centro. A imagem *El personal del Album Gráfico* apresenta também dois gravadores e quatro agentes, estes últimos responsáveis pela busca de patrocínio, como, por exemplo, o Sr. Cristian Heisecke (segundo de cima para baixo da coluna do centro) que atuava em Buenos Aires. E, por fim, o contador da empresa, S. Cardoso Ayala (último retrato da coluna central). Vale registrar que Ayala atuou como um dos editores do *Album Graphico de Matto-Grosso*.

A organização do álbum do Paraguai começou em agosto de 1910 com o propósito de fazer coincidir o seu lançamento com as celebrações dedicadas a comemorar a independência paraguaia, com o objetivo de “[...] com todo (el libro) dará la idea aproximada de lo que es este apís, tan mal tratado por los que no lo conocen”(AMARAL,2009, 12)

O álbum está estruturado em três partes: a primeira dedica-se a tratar do “Paraguay Antigo”; a segunda, o Paraguai Moderno; e a terceira, com a paginação em algarismo romano, apresenta o movimento bancário, industrial e comercial. O apoio financeiro para a produção do álbum foi dado pelos proprietários das casas comerciais, na sua maioria estrangeiros, que passaram a residir no Paraguai, depois da guerra.

No processo de execução da obra, Raúl Amaral informa que houve dois problemas que dificultaram a entrega no prazo correto: o “[...] acopio y selección de las fotografías que al final, y de acuerdo a lo expresado por don Arsenio, fueron embretadas en la nada modesta cifra de 4.000, prévio descarte”, além da demora de alguns autores em terminar seus respectivos ensaios².

Este é um exemplo, entre muitos, sobre álbuns que circularam na América Latina no período de 1870-1930. Esse movimento tem uma dimensão mundial, mas a

² Ibidem, p. 12.

pesquisa privilegiou o recorte latino, bem como local, como nos estados brasileiros. Nos levantamentos dos álbuns, com foco no Brasil no período de 1870 a 1930, constatou-se a presença de 31 álbuns³. Porém, sabe-se que esse número reflete uma pequena parte dessas produções. Esses álbuns, na sua maioria também apresentam as transformações urbanas pelas quais as cidades estavam passando. Exemplos dessas produções são os álbuns de Belo Horizonte (1911), de São João Del Rei (1918) e do Pará.

Cabe registrar também que o Estado do Pará produziu uma expressiva produção de álbuns: publicou nada menos que sete desses grandes livros. Sendo um, desse conjunto, direcionado à exposição de Paris em 1900, e outro à exposição nacional de 1908, no Rio de Janeiro.

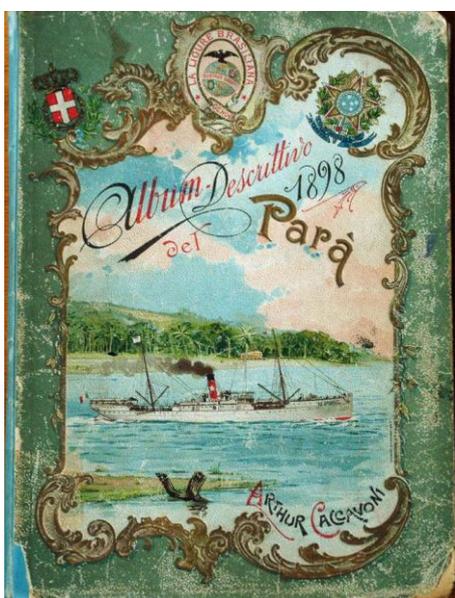


Figura 3 – Capa do Album descrittivo del Pará, 1898

Fonte: MIRANDA, 2006.



Figura 4 – Capa do Álbum de Belém, Pará, 15 nov. 1902

Fonte: MIRANDA, 2006.

O primeiro *Album descrittivo del Pará – 1898* (Figura 3) traz uma significativa capa, na qual destaca aspectos da paisagem natural da região com rios, animais e matas e, no centro da imagem, um navio a vapor. Com essa composição, temos representado o desenvolvimento dos meios de transporte para viagens de longa distância, como nos alertou Elis Miranda(2006). Esse álbum foi produzido por Artur Caccavoni para a

³ As pesquisas foram *on line* e restritas aos álbuns. Concentramo-nos, basicamente, nos dados disponíveis na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e nos livros de autores que tratam das cidades e da fotografia, como LIMA (1998); CARVALHO; Maria Cristina Wolff; WOLFF, Sílvia Ferreira Santos. *Arquitetura e fotografia no século XIX*. In: FABRIS, Annateresa. *Fotografia: usos e funções no século XIX*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998; e FABRIS (1998), bem como em diferentes teses e dissertações sobre fotógrafos, álbuns e outras que utilizam as fotografias e os álbuns como pano de fundo.

Exposição Geral Italiana de Torino, possui propaganda dos estabelecimentos financeiro e industrial, foi escrito somente na língua italiana e com mil exemplares de tiragem.

Já a segunda capa, *Álbum de Belém*, de 1902 (Figura 4), de forma mais contida também ressaltava elementos da flora amazônica. Conforme Rosa Pereira, o álbum de 1902 foi editado pelo fotógrafo Findanza, possui 72 fotografias com foco sobre a cidade de Belém e seus arredores e define-se como “[...] obra luxuosa comemorativa encomendada pelo governo da época que tinha por objetivo divulgar o processo de modernização da cidade” (PEREIRA, 2005, 413-425)

Acrescenta-se ainda que a organização do material de propaganda do Pará obedeceu a uma lógica de apresentar os aspectos da modernidade que, segundo a autora, era “[...] estar de alguma forma integrado ao processo de industrialização” (MIRANDA). As imagens apresentam com ênfase esses aspectos, quando optam em demonstrar equipamentos tecnicamente avançados que marcavam o desenvolvimento econômico no qual as principais cidades do mundo se inseriam. Outros elementos importantes são as representações do domínio do homem sobre a natureza, além da presença dos meios de comunicação que possibilitaram trocas e velocidade no uso do tempo com novos e eficazes meios de transportes, como o trem e as embarcações a vapor, marcas do modelo ideal do progresso.

Outros álbuns contemporâneos ao de Mato Grosso é o de Belo Horizonte (1911). Esse *Album* foi estudado por Rogério Pereira de Arruda em sua dissertação, que se propôs a compreender os objetivos desta publicação (ARRUDA, 2000). Segundo o autor, o objetivo do álbum foi produzir “[...] uma bela e útil propaganda da Capital do Estado”, feita por solicitação da prefeitura da cidade de Belo Horizonte ao fotógrafo Raymundo Alves Pinto. O *Album de Belo Horizonte* possui um conjunto de 400 fotografias, que foram analisados por esse pesquisador através de eixos temáticos intitulados: retratos, paisagem urbana, equipamento urbano, arquitetura, produtos agrícolas e instituições.

Esse conjunto de produções publicitárias, os álbuns, tanto do Brasil quanto da América Latina, trazia características específicas. Conforme Boris Kossoy, trata-se de

[...] imagens encomendadas que se prestaram para a fixação da memória, por outro lado, tinham em geral, uma finalidade propagandística financiada por instituições oficiais ou empresas privadas interessadas em divulgar um certo tipo de progresso (KOSSOY, 1999, 82)

Ainda segundo Boris Kossoy, no Brasil, a prática das produções dos álbuns tinha como finalidade “[...] tentar desfazer aquela visão de um Brasil atrasado social e moralmente”. Para tanto, era fundamental substituir por outra mais adequada à ideia de civilização e progresso, como fez a publicação do álbum “Le Brésil Pittoresque” de 1859⁴.

Dentro da perspectiva proposta por Boris Kossoy, podemos afirmar que as imagens dos álbuns estão marcadas pelos sonhos e desejos incessantes de pertencer ao mundo construído pelos inalcançáveis desejos de progresso e marcado pelo ritmo incandescente das transformações.

Dentro desse movimento de desejo, de produções e circulação de álbuns que se encontra o projeto da construção do *Album de Matto-Grosso*.

O Album Graphico de Matto-Grosso

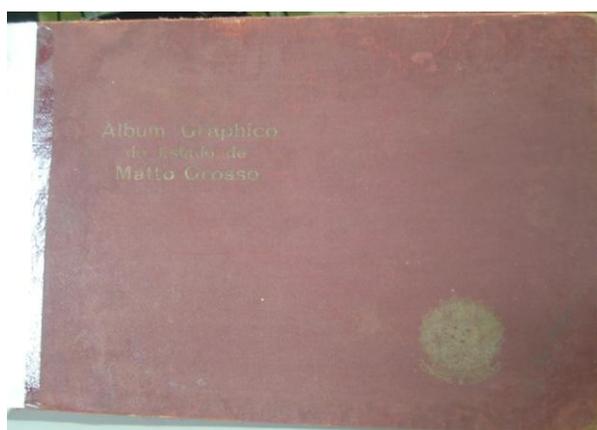


Figura 5– Capa do *Álbum Graphico de Matto-Grosso*
Fonte: AYALA; SIMON, 1914.

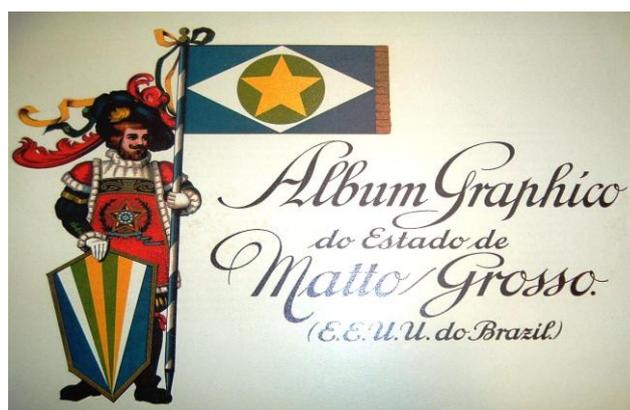


Figura 6 – Folha de rosto do *Álbum Graphico de Matto-Grosso*
Fonte: AYALA; SIMON, 1914.

A peça publicitária de Mato Grosso foi produzida em 1914, com o intuito de seduzir e convencer o leitor das possibilidades de investimentos exitosos no Estado e comprovar através dos textos e imagens o seu ingresso na marcha do progresso e da modernidade, como era a pretensão de seus organizadores.

Essa obra de publicidade possui uma capa revestida de tecido vermelho com o título escrito em letras douradas e traz na parte inferior e à direita o brasão da República brasileira, como pode ser observado na Figura 5.

A folha subsequente apresenta a única ilustração colorida do *Album*, provocando um forte impacto visual, diante da sua força simbólica e da vibração das cores. A página

⁴ Ibidem, p. 75.

traz a imagem de um homem que traça uma indumentária cavalheiresca, decorada com o brasão da República do Brasil. Este varão tem suas mãos ocupadas: a direita segura um escudo com as cores da bandeira do Brasil e a esquerda, uma bandeira do Estado de Mato Grosso, com as cores azul, branco, verde e amarelo, o que contrasta com o vermelho de suas vestes (Figura 6).

O corpo do álbum possui quatrocentas e trinta e três páginas, às quais se somam mais sessenta e nove destinadas à propaganda das empresas patrocinadoras, totalizando, pois, quinhentos e duas páginas. Possui um conjunto iconográfico formado por mapas, desenhos, plantas arquitetônicas, fotografias, tabelas e gráficos. As fotos representam um conjunto documental da maior expressividade.

A construção dessa obra publicitária teve inspiração, segundo Lenine Povoas, no livro “La República Del Paraguay em su primer centenário”, editado e impresso em 1911 em Buenos Aires, em comemoração à independência paraguaia, ocorrida em 1811 (POVOAS, 1996). Osvaldo Zorzato nos informa que este livro foi precedido por três produções publicitárias que apresentaram o Estado e as suas potencialidades (ZORZATO, 1998). A primeira delas trata do “Catálogo dos Artigos enviados pelo Estado de Matto-Grosso para a exposição internacional de Saint Louis (EUA) publicado em 1904”; a segunda denomina-se “Brazil Bief Notice on the State of Matto-Grosso”, publicada também em 1904; já a terceira foi o “Catálogo dos Produtos enviados pelo Estado de Matto-Grosso à Exposição Nacional do Rio de Janeiro” de 1908.

A produção do *Album* foi concebida no governo do Presidente do Estado Joaquim Augusto da Costa Marques (1911-1915) que tinha como meta usar instrumentos publicitários para atrair imigrantes para Mato Grosso, como se lê na primeira mensagem que dirigiu à Assembléia Legislativa do Estado:

[...] [que a] propaganda sistemática e verdadeira das nossas riquezas naturais, da uberdade das nossas terras, da ótima qualidade dos nossos campos para a indústria pecuária, dos diversos minerais e pedras preciosas, que enriquecem o subsolo do nosso território e o leito dos nossos rios, constituindo tesouro de incalculável valor, o que outrora tanta fama conquistaram, e demonstrando-se a variedade e salubridade do nosso clima e as vantagens que a nossa legislação oferece aos imigrantes, além de outras que podem ser aduzidas, – a corrente migratória voluntariamente se encaminhará para o Estado e virá impulsionar o seu progresso e aproveitar todas as riquezas que por ali jazem em abandono em vantagens para o particular e para o Estado (1912).

No mesmo documento, o presidente Costa Marques anunciou aos deputados que havia criado uma comissão para produzir material informativo com enfoque publicitário sobre o Estado e explica que essa comissão era composta pela

Congregações do Lyceu Cuiabano e da Escola Normal para produzir folhetos em diferentes línguas com assuntos que possam interessar e atrair imigrantes e tem em vista mandar distribuí-los pelos consulados e capitais estrangeiros, cuja imigração nos seja mais conveniente, e pelos demais Estados da União(1912)

Através do anúncio público, o então governador apresenta as intenções e ações para a efetivação da sua meta de governo, tornando-se um segundo elemento a ser considerado para a compreensão do contexto da criação do *Album de Matto-Grosso*.

A produção do *Album* harmoniza-se com as intenções do governador, as quais podem ser verificadas ainda no prefácio do *Album Graphico*, quando os organizadores desta obra afirmam que se trata de:

Apresentar o Mato Grosso moderno aos que, dentro e fora do Brasil, não o conhecem e desejam conhecê-lo [...] e que ele contribua para a evolução da vida econômica do Estado, seguindo de guia seguro de informações gerais para todos quantos tenham por Mato Grosso algum interesse(AYALA; SIMON, 1914)

Os organizadores do *Album* de Mato Grosso foram Cardoso Ayala e Feliciano Simon⁵. O primeiro, nascido no Paraguai, trabalhou na parte administrativa, pois possuía experiência por ter feito parte da equipe que produziu o “Album Graphico de la República del Paraguay”, publicado em 1911, na condição de “contador de la empresa” (DECOUD, 1983, p 538). Pelo seu conhecimento prévio com questões burocráticas desta natureza, Cardoso Ayala recebeu destaque na imprensa mato-grossense. O jornal O Matto-Grosso, por exemplo, em fevereiro de 1915, referiu-se a ele como o “[...] iniciador da importante obra”.

Coube a Feliciano Simon, por sua vez, a direção comercial e literária do *Album Graphico de Matto-Grosso*. Simon era um comerciante estabelecido em Corumbá e proprietário da casa comercial “Feliciano Simon”, um empreendimento fundado em 1907 que oferecia serviços de navegação e exportação, além de transações bancárias.

⁵ Até o momento da pesquisa não foi possível localizar a documentação que demonstra a estreita relação do presidente do Estado para a escolha desses organizadores ou mesmo se há possibilidade de haver essa relação. Acredita-se que se trata de um projeto publicitário ligado à organização privada com o apoio (quase irrestrito) do governo do Estado financiando parte do material.

Dentre os seus clientes, estavam a Alemán Transatlântico, Handelsbank (Amsterdã), F. M. Fernandes Guimarães & Cia. (Porto, Portugal), Banque Impériale Ottomane, Banque Nationale de Bulgarie, The National City Bank of New York, Banco Mexicano de Comercio y Industria e o Banco de la Republica (Paraguai).

Mas, além de dirigir as questões comerciais e literárias da edição, Feliciano Simon figurou no *Album* de Mato Grosso também como autor de textos. Estes, em sua maioria dedicados à economia, estrutura administrativa do Estado, questões ligadas à Justiça, às repartições fiscais e às forças públicas, entre outras. Os textos de sua autoria são marcados pela densidade de dados, expressos em tabelas e gráficos. A julgar pelas páginas do jornal “O Debate”, de Cuiabá, Feliciano Simon teve um papel importante no processo de edição da obra, pois foi quem acompanhou a impressão na Alemanha(1914).

Além dos citados empreendedores, nas páginas do *Album* encontram-se textos de outros 18 autores, que produziram material sobre as mais diversas temáticas. Na relação nominal dos colaboradores apresentados nas últimas páginas do *Album*, encontram-se os representantes do Poder Executivo do Estado, como o Presidente Joaquim Augusto da Costa Marques, o 3º Vice-Presidente, Eduardo Olympio Machado, além do historiador Estevão de Mendonça, então Diretor da Biblioteca Pública do Estado.

A participação do presidente do Estado no processo de construção do *Album* pode ser observada pela disponibilização e publicação dos dados, principalmente os econômicos de Mato Grosso. Além disso, levando-se em conta as notícias veiculadas nos jornais do período, verifica-se que este mandatário teve uma atuação significativa no que concerne à parte publicitária. Um exemplo disso pode ser constatado numa publicação do jornal “O Echo” que circulou em fevereiro de 1915:

O Exm. Sr. Presidente do Estado que muito se interessou para a organização desse livro de propaganda do Matto-Grosso deve orgulhar-se por vê-lo agora prometido porque não conhecemos trabalho de tanto mérito como este em nenhum dos nosso grandiosos Estados.

Outro ponto que marca o interesse do Presidente do Estado foi a publicação, nas páginas do *Album*, de uma Mensagem assinada por este mandatário e enviada à Assembléia Legislativa, no dia 13 de maio de 1913, na qual Costa Marques faz um relato da viagem de sua comitiva à região Sul do Estado com o objetivo de “[...] conhecê-las e estudar-lhes as necessidades e os meios de melhor atendê-las”(AYALA &

SIMON, 1914, 394). Sua narrativa segue a estrutura de um diário de viagem: fala sobre os caminhos utilizados e de suas condições, assim como aspectos do dia-a-dia da comitiva. O presidente faz ainda uma avaliação da presença do Estado nas localidades visitadas, tecendo comentários de como o governo poderia intervir para melhorar os serviços à população.

Outro grupo de colaboradores que imprimiram suas marcas no *Album* através dos textos foram os engenheiros que atuaram em Mato Grosso. Podemos citar como exemplo, o texto do engenheiro Sylvio San Martin que trabalhou na Noroeste do Brasil e morou em Aquidauana (hoje MS). O seu escrito denomina-se “Breve Histórico da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil – de junho de 1913”. Nele, o autor faz um percurso do início do processo de construção da estrada de ferro, da mudança do trajeto de Cuiabá para Campo Grande, dos problemas enfrentados na construção, principalmente nos trechos que cortavam o Pantanal, falando ainda dos conflitos com os povos indígenas. Na sua conclusão, afirma que a “[...] estrada de ferro [...] será o mais possante elemento para o desenvolvimento deste grande e rico estado e cujas positivas e imediatas conseqüências serão: torná-lo talvez o maior e o mais rico Estado da Federação”(AYALA & SIMON, 1914, 159)

O *Album* contou também com textos de cientistas que escreveram especialmente para a publicação, como Carl Axel Mognus Lindman, professor de botânica na Suécia e autor de um escrito sobre a vegetação de Mato Grosso⁶. Há ainda a apropriação de trabalhos de outros autores de vulto como de cientistas e viajantes, tais como Elisée Reclus, Toledo de Piza, Karl Von den Steinen, Max Schimidt e Bourgade La Dardye, que tiveram trechos de suas obras republicadas no livro publicitário de Mato Grosso, tornando-os, certamente de forma involuntária, em colaboradores indiretos. Um bom exemplo disso foi o reaproveitamento dos estudos da navegabilidade do rio Paraguai, de autoria de La Dardye, que havia apresentado em outros álbuns contemporâneos ao de Mato Grosso (AYALA & SIMON, 1914, 128)

Quando os editores anunciam no prefácio que o *Album* teria como objetivo ser um “[...] guia seguro de informações gerais para todos quantos tenham por Mato Grosso algum interesse”(AYALA & SIMON, 1914, 128), indicavam a intenção de fazer um trabalho interconectado com os espaços produtores de saberes, para a divulgação de dados que trouxessem as informações que poderiam dar credibilidade aos interessados em

⁶ Carl Lindman foi um naturalista e chefiou a I Expedição Científica Regnelliana da Real Academia de Ciência da Suécia. Foi diretor do Museu Botânico de Stockolmo.

conhecer Mato Grosso. Dessa forma, os escritos do *Album* ganharam a legitimidade da ciência. A participação direta ou indireta dos estudos de cientistas para a composição dos arranjos dos textos escritos do *Album* tinha a função de produzir um efeito de “verdade” e ter como parceira a produção intelectual dos membros de espaços produtores de saberes científicos, o que possibilitava esse efeito.

Verifica-se também a participação de intelectuais da sociedade mato-grossense, os futuros membros do Instituto Histórico de Mato Grosso (fundado em 1919) e do Centro Mato-Grossense de Letras (instituído em 1921), como Estevão de Mendonça, Nicolau Fragelli e Francisco Sizernando Peixoto, deixando claro o compromisso dos intelectuais locais neste empreendimento.

Estevão de Mendonça teve uma produção intensa, pois alimentou várias seções do *Album* com textos sobre a história de Mato Grosso, desde os administradores da colônia até o presidente Joaquim Augusto da Costa Marques, além da apresentação de vários municípios do Estado. Isso faz com que esta produção aparente ser uma transcrição de sua obra “Quadro Chorographico de Mato Grosso”.

As empresas “Fazenda Urucum” e “Mate Laranjeira” também produziram textos específicos para o *Album* de Mato Grosso. A “Fazenda Urucum” foi apresentada aos leitores em artigo de autoria de Carlos Carcano, que era sobrinho de um dos proprietários deste empreendimento, Maximiliano Carcano. Nele, a Fazenda era descrita como “[...] um sítio digno de nota pela beleza de sua perspectiva, por sua topografia caprichosa, pela amenidade de seu clima e pela uberdade extraordinária de suas terras”⁷, cujas águas eram “Sempre limpas e frescas, são elas comparáveis às águas da Tijuca do Rio de Janeiro, cuja cascatinha acha ali reproduzida pitorescamente [...]”⁸.

Essa propriedade está localizada na região Sul do Estado (hoje MS) e é apresentada nos textos escritos e imagéticos como um lugar agradável, cujo subsolo é rico em manganês e ferro, além da exuberância das suas matas. O grande foco da Fazenda Urucum recai sobre a salubridade do lugar.

Essas mesmas qualidades, inclusive, foram destacadas em outro órgão da imprensa regional, objetivamente na revista “Matto-Grosso”. Esse periódico publicou, em novembro de 1914, um artigo, de primeira página, apresentando esta Fazenda, no qual enfatiza: “[...] foram construídos no ano findo [1913] lindos pavilhões para uma enfermaria de beri-béricos e artísticos chalots, esparsos aqui e acolá e ensombrados

⁷ Idem, p. 348.

⁸ Ibidem, p. 347.

pelas árvores do pomar”(114). Era nesse local também que havia uma ala que, segundo a mesma fonte, cuidaria dos membros do Exército e da Marinha das guarnições de Corumbá e Ladário. Possuía também chalés destinados a tratamentos ou “passeios dominicais”. Afinal, nos relatos da revista bem como do *Album*, a Fazenda Urucum, “[...] pela sua excelente água, é de grande vantagem não só para a cura do beribéri como também para a cura de todas as moléstias que exigem ar puro e oxigenado [e] um embrião de futura cidade”(272).

Já a Mate Laranjeira foi apresentada num texto sem autoria, contando a história da exploração da erva-mate na região Sul do Estado feita por Thomaz Laranjeira, até o estabelecimento de novos acordos em 1902, com a Mendes & Companhia, sediada em Buenos Aires. Traz uma descrição do processo de extração da erva-mate e os caminhos percorridos para a sua comercialização, os quais vão dos ervais na região sul do então Estado de Mato Grosso, passando pelos caminhos fluviais até chegar a Buenos Aires, onde o material era “[...] beneficiado e envasado num grande fábrica que a empresa lá possui”(AYALA; SIMON, op. cit., p. 255.). Apresenta também os trabalhadores paraguaios da Companhia, mas escamoteia os conflitos e as tensões gerados em torno da posse e concessão das terras. (SALSA, 1999)

A ordem religiosa de Dom Bosco, representada pela Missão Salesiana, não produziu um trabalho especificamente para compor o *Album*, mas participou com uma descrição feita em 1912, pelo “Inspetor da Missão”, o bispo Antônio Malan, dirigida ao presidente do Estado. Nela, o religioso descreve as ações missionárias, tanto com os povos indígenas como com as populações que habitam os núcleos urbanos de Corumbá, Cuiabá, Cáceres, principalmente no que diz respeito aos trabalhos na área da educação.

Além dos textos produzidos especificamente para compor o *Album*, das transcrições de mensagens enviadas à Assembléia Legislativa, verifica-se ainda a recorrência de informações publicadas nas revistas “O Arquivo” e “Mato Grosso”. A revista “O Arquivo” foi criada no governo de Antonio Paes de Barros, e circulou entre os anos de 1904 e 1906, vale dizer, apenas durante seu governo. Teve como diretores Antonio Fernandes de Souza e Estevão de Mendonça, que à época foi o responsável pela organização do Arquivo Público do Estado. Nas páginas iniciais do seu primeiro volume desta revista, explicita-se as intenções da sua existência: “[...] não temos presentemente quase nada disposto de forma a oferecer uma fonte segura de informações a todos que desejam conhecer o nosso Estado”(SILVA & FERREIRA, 1993).

Observa-se que um dos objetivos deste periódico coincide com as palavras escritas ainda no prefácio do *Album* de Mato Grosso.

A outra publicação utilizada pelos organizadores do *Album* foi a revista “Matto-Grosso”, circulação mensal, criada por iniciativa dos missionários salesianos, editada a partir de 1904 e se autointitulando como uma publicação na área de ciências, letras, artes e variedades. Nessa revista, verificamos uma diversidade temática, com veiculação de crônicas, poesias, propagandas, notícias de Roma e de diversos estados do Brasil, além de fotografias e dos resultados, sempre positivos, da ação salesiana em Mato Grosso, principalmente como relação aos povos indígenas da região.

Em meio à produção escrita realizada pela equipe de colaboradores, temos o registro, na seção denominada a “Fauna Mato-Grossense” sobre a ausência de texto específico sobre o assunto. Esse comentário, possivelmente seja de autoria de Feliciano Simon e esclarece que, a seção se limitará a “enumerar os animais principais e quase geralmente conhecidos [...]. Temos de limitar-nos a estas poucas linhas, visto que, até o momento de entrar esta obra para o prelo, não recebemos do nosso respectivo colaborador o manuscrito respectivo”⁹.

Para não deixar uma lacuna sobre essa temática que representa aspecto importante das riquezas de Mato Grosso, o autor insere umas poucas informações. Isto porque o vazio não era permitido. Afinal, o ambiente natural da região estava marcado como um grande reservatório de matérias-primas e a fauna apresentava-se como um elemento desse “reservatório” e uma das grandes possibilidades de exportação de Mato Grosso.(CASTRO, 2001)

Vê-se, pois, que a expressiva equipe de organizadores e colaboradores era constituída por homens, na sua maioria, cientistas, representantes do governo e engenheiros. Entretanto sentem-se algumas ausências significativas, como por exemplo a de Virgílio Correa Filho e Cândido Mariano da Silva Rondon, diante do que eles representam para a história e para a memória de Mato Grosso no início do século XX.

O Coronel Rondon não escreveu nenhum artigo específico para o *Album*, apesar de serem compiladas várias conferências suas para subsidiar a seção denominada “Uma Exposição - Rio Juruena”(AYALA; SIMON, p. 382) A imagem de Rondon foi usada em várias seções, tanto na forma de retrato quanto nas suas ações junto aos povos

⁹ AYALA; SIMON, op. cit, p. 306. Acredita-se que se trata das palavras de Feliciano Simon que foi o responsável pela organização literária do *Album*; ressaltamos, porém, que nessa seção não há uma identificação formal.

indígenas e nos trabalhos cotidianos da Comissão das Linhas Telegráficas. No momento da construção e publicação do *Album Graphico de Matto-Grosso* Rondon estava trabalhando na organização e acompanhamento da Expedição Científica Roosevelt-Rondon.

Já a total ausência do engenheiro Virgílio Correa Filho é um ponto que necessita ser investigado com maior afinco, uma vez que o trabalho da historiadora Vilma Eliza Trindade situa o *Album* de Mato Grosso como contemporâneo das produções de Virgílio (TRINDADE, 2001). Em 1908, então com 21 anos, ele se formou em engenharia civil na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e, neste mesmo ano, representou Mato Grosso no Centenário da Abertura dos Portos no Rio de Janeiro, na Exposição Nacional. Até o ano de 1914, o da publicação do *Album*, ele atuou de forma intensa como engenheiro em importantes empreendimentos, como a construção da estrada de rodagem ligando Cuiabá a Chapada dos Guimarães, nas estradas de ferro Noroeste do Brasil, Maricá e da Central do Brasil.

Vale ainda lembrar que Virgílio Correa Filho foi membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (1919) e da Academia Mato-Grossense de Letras (1921). Isso faz supor que possuía uma relação de convívio e proximidade na forma do pensar de Estevão de Mendonça e Nicolau Fragelli que colaboraram de forma direta na produção de textos para o *Album* e que, assim como Correa Filho, participaram da fundação desses dois espaços da intelectualidade mato-grossense.

A construção dos textos escritos pelos colaboradores assume, dentro da estrutura organizacional do *Album*, um papel importante e muitas vezes de complementaridade com os textos visuais. Essa forma íntima de conceber os colaboradores como autores do *Album* seguiu algumas trilhas sinalizadas por Foucault, quando trata do ato de nomear o autor: “Ele é mais do que uma indicação, um gesto, um dedo apontado para alguém; em certa medida, é o equivalente a uma descrição” (MOTTA, 2006, 272).

Os fotógrafos

Os dois fotógrafos contratados foram L. Salcedo e Miguel Perez. Acredita-se que Salcedo fazia parte de uma família de fotógrafos que já vinha participando da produção de imagens para os álbuns que estavam sendo produzidos na região. Isto por que, como bem observou o historiador de arte Oliver Debroise (1999), que até as primeiras décadas do século XX não existiam escolas de fotografia; a aprendizagem

acontecia quase sempre dentro do próprio estúdio e entre familiares. Salcedo que já havia colaborado com a publicação do *Album Grafico de la Republica del Paraguay* de 1911.

Constata-se também que algumas imagens impressas no álbum do Paraguai estão presentes no *Album* de Mato Grosso, especialmente as da região fronteira entre Mato Grosso e aquela República vizinha, possivelmente da autoria de Salcedo.

Um exemplo de fotografia presente nos dois álbuns é a imagem *Transporte nos Hervaes* (Figura 07), como em destaque, o *Album* do Paraguai a imagem é denominada de “Em um yerbal. Acarreo hojas de yerba mate” e no de Mato Grosso, recebeu a legenda de “Transporte nos Hervaes”.



Figura 07 – Transporte nos Hervaes
Fonte: AYALA; SIMON, 1914, p. 255.

Já sobre o fotógrafo e pintor Miguel Perez sabemos um pouco mais. Era de nacionalidade espanhola e proprietário do estabelecimento comercial “Photographia Popular – Miguel Perez”, fundado em 1906 em Corumbá. Segundo o pesquisador Boris Kossoy, Perez atuou em Mato Grosso entre 1906 e 1914, principalmente nas cidades de Cuiabá e Corumbá (KOSSOY, 2002, 256). No seu estabelecimento se comercializava “[...] materiais e drogas para photographia”, vendia-se “[...] lindíssimas vistas e panoramas das principais ruas, praças, portos e recantos” de Corumbá, Ladário e da Fazenda Urucum (AYALA; SIMON, op. cit.).

Na década de 30, Miguel Perez, segundo o artista sul mato-grossense Humberto Espíndola, dedicou-se também à pintura de telas e participou da Primeira Exposição de

Pinturas de Cuiabá, realizada na Academia Mato-Grossense de Letras em 1935. Em 1954, mudou-se para Campo Grande onde instalou a "Fábrica de Quadros", dedicada ao comércio de molduras, material de pintura e ateliê, além de ministrar aulas de pintura, atividades que exerceu até sua morte. Autodidata, em sua obra predominam paisagens de cunho ingênuo, geralmente européias, inspiradas em postais e folhinhas de época(ESPÍNDOLA, 2004).

Excetuando-se os dois fotógrafos nomeados, os organizadores do *Album* adquiriram imagens de outros autores, como as do francês Luiz Leduc, que chegou ao Brasil em 1880, quando tinha 4 anos de idade, e em 1907 atuou como fotógrafo da "Comissão Rondon". Leduc montou um ateliê fotográfico em Cuiabá em 1912. Na sua atuação como fotógrafo da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, acompanhou Rondon no reconhecimento do ramal de Cáceres a Vila Bela e foi membro da expedição ao rio Juruena e ao rio Javari. Parte do conjunto de imagens impressas no *Album* sobre a atuação da Comissão Rondon é de sua autoria, realizada entre os anos de 1907 e 1908(LUCÍDIO, 2005).

Ao se contraporem as imagens do *Album* de Mato Grosso, na secção "Uma Expedição ao rio Juruena", e as publicadas no "Catálogo Digital da Comissão Rondon – Serviço de Proteção ao Índio (1890-1940)", foi possível verificar que a autoria dessas imagens é de Luiz Leduc. Uma das poucas imagens assinadas por este fotógrafo é a que traz como legenda o *Acampamento da Caiçara* (Figura 08).

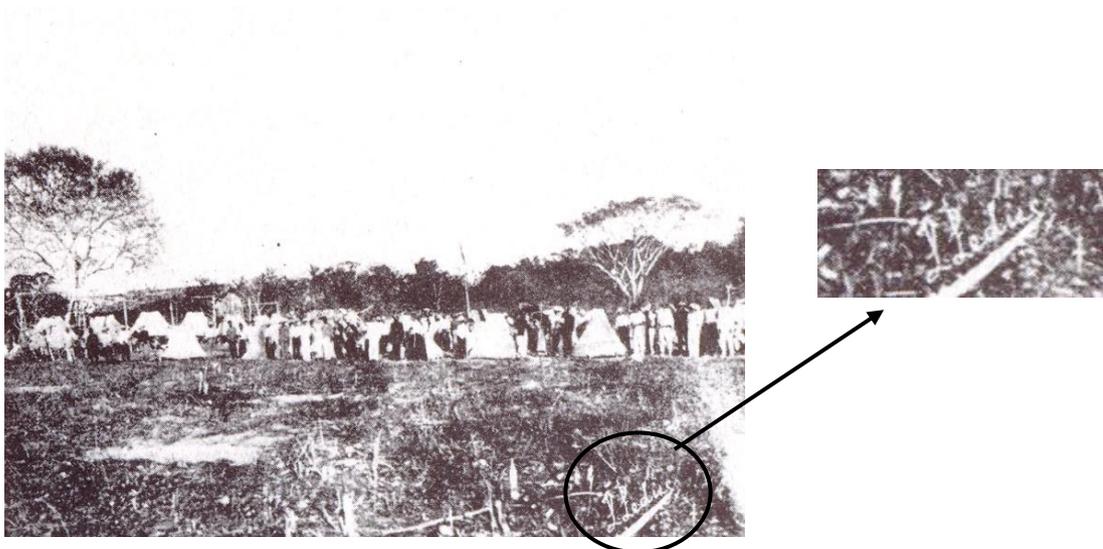


Figura 08 – Acampamento da Caiçara. Fotografia
Fonte: AYALA; SIMOM, 1914, p. 392.

Sobre a sua atuação em Cuiabá, a pesquisa realizada constatou que no ano de 1912, Leduc inaugurou um atelier localizado na Praça Ipiranga. A abertura desse novo espaço para a produção e comercialização de fotografias causou grande entusiasmo na população da capital mato-grossense, como se pode ver nas páginas do jornal Gazeta Oficial:

[...] o estabelecimento visitado por grande número de pessoas, que não se cansavam de elogiar o bom gosto e o tom moderno de sua montagem. Agradecendo o convite recebido, esta redação faz votos pelo melhor êxito do Athelier.

Quanto às demais fotos publicadas, no *Album Graphico*, Simon e Ayala informam que um bom número foi “gentilmente cedido” pelos cientistas Carl Lindman e José Fenten. O primeiro era de nacionalidade sueca, sendo professor de botânica; viajou pelo Brasil entre 1892 e 1894, ocasião na qual visitou o Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Mato Grosso, realizando importantes registros. Mas sua colaboração na obra aqui estudada não ficou incruste à imagem. Lindman publicou também o texto denominada “A Vegetação de Matto-Grosso”. É possível que as fotografias por ele cedidas sejam as que ilustram o artigo da referida seção. Vale salientar que estas representações trazem abaixo, à esquerda, uma identificação, porém, infelizmente, até o momento não foi possível decifrar.

Na intervenção realizada na imagem, com o recorte e a ampliação (Figura 09), ficam em evidência as iniciais JC. Podemos observar que seguem uma identificação padrão, na seção dedicada à vegetação, caracterizando uma “marca registrada” do fotógrafo.

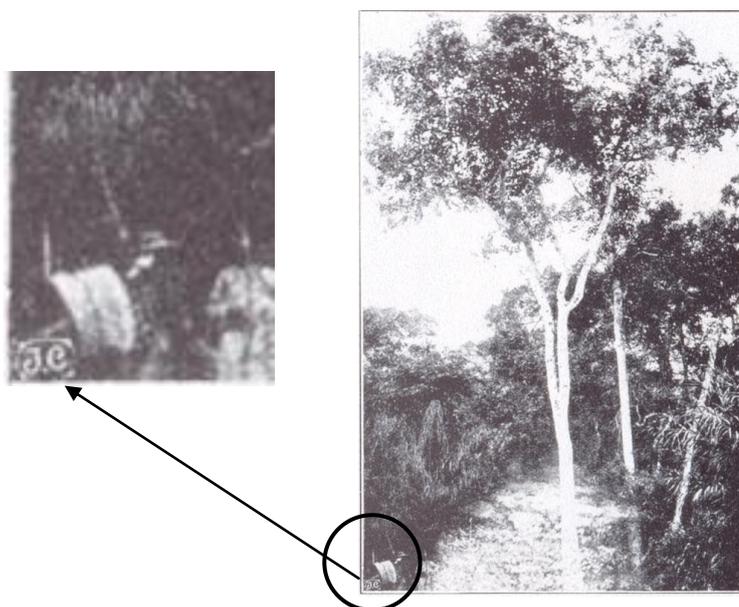


Figura 09 – Seringueira. Fotografia
Fonte: AYALA; SIMON, 1914, p. 299.

Sobre José Fenten, a pesquisa não revelou informações que possibilitassem traçar um pouco da sua trajetória profissional. Sabemos, entretanto, que foi um geólogo argentino.

Ainda sobre o conjunto de fotografias do *Album*, vale lembrar que os organizadores receberam partes dos acervos da empresa Mate Laranjeira e da Missão Salesiana, mas lamentavelmente ainda não foi possível identificá-las. Acredita-se que as fotos da Missão Salesiana sejam aquelas que têm como temática as colônias indígenas, igrejas e colégios desta congregação em Corumbá e Cuiabá.

No caminho em busca da autoria de mais imagens do *Album*, nos causou intensa surpresa encontrar um conjunto fotográfico que retrata o povo Araucano cujo o território se localiza ao sul do Chile. O que essas imagens fazem no *Album de Matto-Grosso*? Quem é seu autor? O que pretendeu demonstrar no conjunto das ilustrações dessa obra?

A pesquisa nos mostrou que as fotos dos Araucanos – Mapuche – realizadas no período em que esse povo travando uma luta desencadeada com o governo do Chile, em defesa das suas terras, o período que ficou conhecido como “Pacificación de la Araucanía”. Demonstrou também que o conjunto das imagens dos Mapuche, impresso no *Album* de Mato Grosso, foi realizado por Odber Heffer Bissett (1860-1945), de nacionalidade canadense, que chegou ao Chile em 1886, contratado por Félix Leblans, um dos fundadores da atividade fotográfica naquele país¹⁰. A sua produção inclui retratos e vistas urbanas de Santiago do começo do século XX, sendo considerado um dos fundadores da “fotografia etnográfica” no Chile, com enfoque sobre o povo Mapuche, produzindo e reproduzindo uma série de cartões-postais com essa temática¹¹.

As imagens Bissett também estão inclusas no álbum do Chile “[...] com motivo de la conmemoraion de los 100 años de la Independencia celebrados em 1910 com gran gala y esplendor”(MARGARITA, 2001). No *Album* de Mato Grosso, localizam-se na

¹⁰ Agradecemos as informações gentilmente cedidas pela assessoria de comunicação do ProChile no Brasil, ligada ao Ministério das Relações Exteriores do Chile, referentes à exposição **Mapuche: povo e cultura viva**, que fez parte da programação da Semana do Chile em São Paulo, realizada no Memorial da América Latina entres os dias 28 de agosto a 10 de setembro de 2008. Agradecemos também ao estudioso em fotografia peruana, Jorge Heredia, pelas conversas via e-mail que nos possibilitaram afirmar a autoria de parte das imagens que retratam o povo Mapuche no *Album* de Mato Grosso, bem como as indicações bibliográficas sobre a fotografia na América Latina.

¹¹Parte da produção desse fotógrafo encontra-se no Museu Nacional de História Natural, Biblioteca Comemorativa “José Maria Arguedas”, ambos em Santiago, no Museu Mapuche Juan Antonio Rios em Cañete, no Arquivo Vicariato Apostólico de La Araucanía em Villarrica, no Arquivo Fotográfico da Universidade do Chile, em Santiago, todos localizados no Chile, como também na Universidade da Pensilvânia no Museu de Arqueologia e Antropologia em Filadélfia nos EUA.

secção denominada “Notícias dos povos indígenas de Mato Grosso”. Como exemplo comparamos o cartão postal, que era a forma original da imagem *Cemeterio Araucano* (Figura 9) e a imagem impressa no *Album* de Mato Grosso denominada *Cemitério Indígena* (Figura 10).

Neste exercício, pudemos observar que houve um corte na parte inferior da imagem de modo a excluir as inscrições “14 Cemeterio Araucano”; na representação original (Figura 16). Este dado alimenta a hipótese de que os organizadores do *Album*



Figura 10– Cemeterio Araucano. Odber Heffer Bissett. Cartão-postal
Fonte: MARGARITA, 2001, p. 161.



Figura 11 – Cemitério Indígena. Fotografia
Fonte: AYALA; SIMON, 1914, p. 91.

interferiram e retiraram os sinais dentro das imagens, artifício que impossibilita o trabalho de identificação da autoria.

Pudemos notar também que algumas imagens sofreram alteração, visando, possivelmente, fazê-las mais próximas ao objetivo do *Album*. Assim os povos indígenas americanos passam a ser apresentadas como um conjunto homogêneo, no qual a diversidade cultural e as territorialidades são suprimidas para alimentar um futuro comum o de trabalhadores assalariados e aniquilados culturalmente.

Mas o uso de cartões-postais como fonte iconográfica para o *Album de Matto-Grosso* não ficou ao exemplo acima analisado.

Outro uso de cartões-postais pode ser encontrado na seção denominada “Constituição do Estado de Matto Grosso” que tem como legenda “Cuyabá, Festa Presidencial, 15/11/1906”.

A imagem tem como legenda *Festejos de 15 de novembro de 1906* que em seu formato original segue a caracterização da estrutura tipográfica de um cartão-postal e trata-se de uma cena produzida por José Severino Soares, profissional da imagem que atuou em Mato Grosso de forma inconstante entre os anos de 1869 a 1910 (Figura 12).



Figura 12 – Festejos de 15 de novembro de 1906. Cartão Postal Fonte: LUCÍDIO, 2008, p. 209.

Segundo Boris Kossoy, Severino foi um típico fotógrafo itinerante circulando entre os Estados de Mato Grosso, Minas Gerais e Goiás (KOSSOY, 2002). A imagem do cartão narra uma cena construída para registrar os “Festejos Comemorativos de 15 de novembro de 1906”. (Figura 12) e tem como cenário uma praça, no centro de Cuiabá. Na legenda, lê-se “Presidente do Estado, Presidente e Membros da Assembléia Legislativa, Chefes Políticos, Representantes do Município, Diretores de Repartições Públicas, Chefe de polícia e Comandante do Batalhão do Estado”.

Observamos, atrás do foco central da cena, as autoridades políticas do Estado e, mais ao fundo, um chafariz “bolo de noiva” esguichando água, bem como palmeiras, uma grande construção. Incluem-se também muitos curiosos, como o menino, que aparece do lado esquerdo, vestido com camisa e calça dobrada nas pernas, posicionado em um dos degraus que compõem a estrutura do monumento arquitetônico, o chafariz. Ele observa com atenção o fotógrafo dando as orientações no posicionamento dos atores principais dessa cena do “espetáculo” das comemorações de 15 de novembro, ou seja, as personalidades do Estado. Pode-se verificar também um grupo de homens, do lado direito da composição, que miram os espectadores.

Comparando a Figura 12 com a imagem que foi impressa no *Album*, Figura 13, observa-se também, uma mutação da fotografia. Houve um recorte de forma a privilegiar as autoridades excluindo-se parte dos expectadores que “roubavam” a cena da fotografia oficial dos festejos de 15 de novembro.

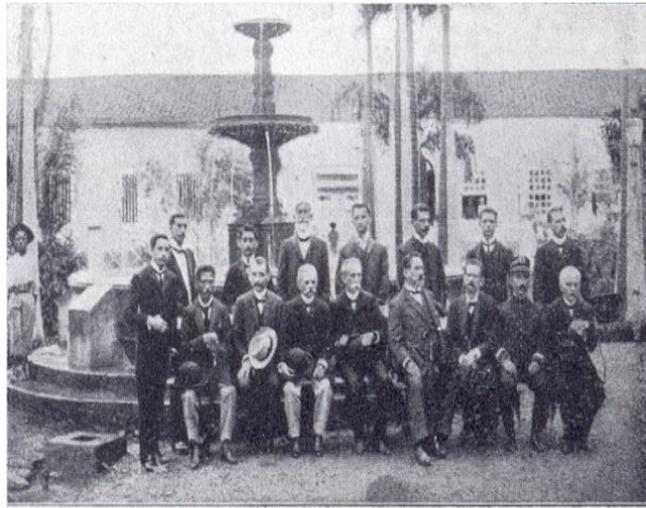


Figura 13 – Cuyabá, festa presidencial, 15/11/1906
Fonte: AYALA; SIMON, 1914, p. 32.

Outros exemplos de conjunto de imagens apropriadas pelos editores do *Album* são as produções fotografias das “empresas” que executaram obras de grande envergadura no período, em Mato Grosso, como a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, Noroeste do Brasil e as Linhas Telegráficas.

As fotos que compõe o conjunto de representações fotográficas do “Extremo Norte do Estado de Mato Grosso” (AYALA & SIMON, op. cit., p. 372), na sua maioria pertencem a empresa “Brazil Railway Company”. A Figura 14, que é uma foto panorama da cidade de Porto Velho, representa esse grupo de imagens.



Figura 14 – Porto Velho
Fonte: AYALA; SIMON, 1914, p. 372.

Esta imagem não possui a identificação do profissional que a produziu, mas, pelas pesquisas realizadas, sabemos quais foram os fotógrafos que trabalharam nos grandes empreendimentos que ocorreram em Mato Grosso, no final do século XIX e início do século XX; no caso específico desta imagem, constatou-se que foi produzida pelo norte americano Dana Merrill, provavelmente nos anos de 1909 e 1910, quando fora contratado como fotógrafo oficial da “Brazil Railway Company”, empresa que administrou a construção da ferrovia Madeira-Mamoré¹². O filósofo Francisco Foot Hardman, na análise das fotos desse profissional, atribuiu-lhe adjetivos como “[...] artesão de imagem[...] caçador de instantâneos ou ainda um “[...] caubói moderno de câmera armada, viajante de espaços desbravados e solidões vividas à margem da ferrovia-fantasma que se construía sem fim” (HARDMAN, 2005, 11)

O trabalho produzido por Dana B. Merrill apresenta, na sua maioria, a luta entre as ações dos homens, as máquinas e a floresta amazônica; em cenário de drama, como a Figura 14. Nesta imagem, há o processo de avanço dos homens e máquinas sobre a floresta Amazônia com as marcas dos trilhos da “Madeira Mamoré”, as grandes construções além de um porto. Verifica-se pela imagem a presença de palmeiras dispersas no clarão aberto para a construção da cidade, essas árvores denominam-se Bacaba, uma palmeira nativa da Amazônia, utilizada tanto na produção de bebida, como na construção de casa pois suas folhas serviam para cobertura e seu troco de esteio e viga além de ser uma madeira útil para cabo de ferramenta. Já as árvores localizadas ao lado direito da imagem, próximas ao rio, possivelmente tratam-se de castanheiras¹³.

Segundo Francisco Foot Hardman, Dana B. Merrill, por ser hiper-realista, tinha a intenção:

[...] de documentar passo a passo os cenários, processos e personagens de uma grande obra internacional [...] imagens claras da civilização industrial no vazio do cerrado, da floresta e de rios em abandono, retratados nos bastidores do espetáculo do maquinismo (231)

¹² Essa imagem faz parte do acervo do Museu Paulista da USP, cuja legenda original é “Pélas de borracha aguardando embarque”, com dimensões de 12,50x17,50cm. Parte do acervo do fotógrafo está disponível em: <<http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/efmm/DanaMpUSP.htm>>.

¹³ Agradeço ao Professor Dr. Fábio Nolasco, do departamento da Agronomia da UFMT, pela ajuda na identificação das plantas apresentadas na Figura 20.

Os grandes empreendimentos eram acompanhados por fotógrafos, a exemplo da “Comissão Rondon”, porém nem todos tinham a sagacidade em fazer “falar” com tanta intensidade o drama da natureza violentada pela força do capital.

Percebeu-se também que fotos produzidas por Dana B. Merrill e incluídas no *Album* sofreram alterações com a retirada de partes dos elementos que compõe a imagem.

Com o que foi exposto, constata-se que o *Album Graphico de Matto-Grosso* absorveu imagens que circulavam tanto no âmbito regional como sul-americano principalmente aquelas em formato de cartão-postal, nas suas diferentes seções. Dessa forma, parte do conjunto fotográfico foi construído com narrativas imagéticas já “consagradas” pelo público. Assim seus organizadores empreenderam uma “jogada certa” para provocar os encontros e encantos imaginários via postais.

A historiadora Zita Rosane Possamai nos ajuda a compreender as diversas apropriações feitas pelos organizadores do *Album Graphico de Matto-Grosso* bem como as mutilações que as imagens sofreram quando argumenta que, nos álbuns, como em qualquer coleção, são feitas seleções tanto de fotografias como de textos, entre os muitos trabalhos produzidos. Isso implica sempre em determinado olhar, que não é ingênuo ou aleatório, mas que segue um critério, ideias ou intenções pautadas, por sua vez, pelo imaginário social da época em que a obra foi produzida (POSSAMAI, 2007, 56-57) Tendo em vista as considerações dessa autora, a imagem reproduzida no *Album* adquire um novo perfil. Tornou-se um espaço de recriação da imagem matriz, para contar uma história construída com a intenção de fascinar os leitores pelas possibilidades e potencialidades do Estado, marcado pelo sonho da modernidade e as transformações.

Assim, os produtores das imagens selecionadas para compor o *Album Graphico de Matto-Grosso* mostram o caminho que nos ajuda a entrar no seu corpo imagético, a pensar nas convenções culturais, no imaginário da época, e a dar sentido a uma interpretação sobre as intenções e desejos dos organizadores, aliados, parceiros e do próprio governo ao inseri-las no *Album*.

As fotos selecionadas, a partir do momento em que entraram na composição do *Album*, foram ordenadas e mutiladas pelos seus organizadores que buscavam apresentar elementos que sustentassem a imagem de um Estado moderno. Isso fez com que as imagens passassem a ser uma recriação, diante dos novos arranjos e jogo de intencionalidades com que foram utilizadas. Dessa forma, manipulou o olhar dos

leitores do *Album* levando-os a apreciar imagens ordenadas e classificadas que objetivavam escamotear as ambivalências

Dessa forma podemos concluir que o *Album Graphico de Matto-Grooso* de 1914 se apresenta como um integrante da rede de produções publicitária que circulou de forma recorrente entre o final do século XIX e início do XX, pelas pesquisas na América Latina, mas com indícios que tenha sido uma demanda de produção mundial, sendo as exposições um grande motivador dessas produções, com o objetivo de propagandear os lugares com as marcas do que deveria ser compreendido como elemento de modernidade e progresso.

O grupo dos organizadores, colaboradores e fotógrafos constituiu-se nos grandes protagonistas dessa obra, neste sentido, nomeá-los e traçar um pequeno perfil desses personagens é caminhar pelas trilhas das intencionalidades subjetivas inscritas nas páginas do *Album*.

Bibliografia

AMARAL, Raúl. Valoración de um álbum com historia. *Escritos paraguayos: introducción a la cultura nacional*. Paraguai: Biblioteca Virtual Del Paraguay. [199-?] p. 12. v. 1. Disponível em: <http://www.bvp.org.py/biblio_htm/amaral_escritos1/indice.pdf>. Acesso em: 23-jan.-2009.

ARRUDA, Rogério Pereira de. *Album de Bello Horizonte: signo da construção simbólica de uma cidade no início do século XX*. 2000. n. f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: KOTHE, Flávio (Org.). *Walter Benjamin*. Tradução Flávio Kothe. São Paulo: Ática, (Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 50), 1991.

Boris. KOSSOY, Boris. *Dicionário histórico-fotográfico brasileiro. Fotógrafos e ofícios da fotografia no Brasil (1833-1910)*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002.

CASTRO, Maria Inês Malta. *Natureza e sociedade em Mato Grosso: 1850-1930*. 2001. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – CDS – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

DEBROISE, Olivier. *Fuga mexicana. Un recorrido por la fotografia en México*. México: CNCA, 1999

DECOUD, Arsenio Lopez. *Album Grafico de la República del Paraguay*. Ed. *fac-símile*. Assunção: Cromos S. R. L.; Buenos Aires: Talleres Graficos, 1983.

ESPÍNDOLA, Umberto. *Um panorama da história das artes plásticas em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande/MS. nov. 2004. Disponível em: <<http://www.marcovirtual.com.br/03expo/permanente/texto.htm>>. Acesso em: 10 maio 2008.

FABRIS, Annateresa (Org.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

FABRIS, Annateresa. *Fotografia: usos e funções no século XIX*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998

FRANCO, Patrícia dos Santos. Cartões-postais: fragmentos de lugares, pessoas e percepções. *Revista Médis: história e cultura*, Caxias do Sul: Edusc, v.1, n.1, 2006.

HACQUARD, Georges. *Guía de la Roma Antigua*. Madri: Palas Atenas, 1952.

HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
KOSSOY, Boris. *Dicionário histórico-fotográfico brasileiro. Fotógrafos e ofícios da fotografia no Brasil (1833-1910)*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

LUCÍDIO, João Antônio Botelho. *Catálogo Digital Comissão Rondon: Serviço de Proteção ao Índio (1890 a 1940)*, 2005.

MARGARITA, Alvorado P. e alii. *Mapuche fotografías siglos XIX y XX: construcción y montaje de um imaginario*. Santiago de Chile: Pehuén, 2001

MIRANDA, Elis de Araújo. *Representações da Amazônia: paisagens e imagens de Cameté (PA)*. 2006. n. f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – IPUR(Instituto de Planejamento Urbano e Rural), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MOTTA, Manoel de Barros da (Org.). *Michel de Foucault. Estética: literatura e pintura, música e cinema*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

PEREIRA, Rosa Cláudia. *Literatura & fotografia: algumas reflexões sobre a cidade de Belém no início do século XX*. In: XXIII Simpósio Nacional de História, História: guerra e paz, 2005, Londrina. Anais Londrina: Mídia, 2005. v. 23.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições universais: espetáculo da modernidade do século XIX*. São Paulo: HUCITEC, 1997

POSSAMAI, Zita Rosane. Narrativas fotográficas sobre a cidade. *Revista brasileira de história*, São Paulo. v. 27, n. 53, 2007.

POVOAS, Lenine C. *História geral de Mato Grosso: da proclamação da República aos dias atuais*. Cuiabá: IHGBMT, 1996. v. 2.

SALSA, Lucia. *História e fronteira: o Sul de Mato Grosso 1870-1920*. Campo Grande: UCDB, 1999.

SILVA, Paulo Pitaluga Costa; FERREIRA, João Carlos Vicente. *Coleção de memórias históricas*. Várzea Grande: Fundação Júlio Campos, 1993. v. 3. (Revista o Arquivo – Coleção fac-similar completa, 1904-1906).

TRINDADE, Vilma Elisa. *Política, história e memória em Mato Grosso: Virgílio Corrêa Filho, 1887-1973*. Campo Grande, MS: EdUFMS, 2001.

ZORZATO, Osvaldo. *Conciliação e identidade: considerações sobre a historiografia de Mato Grosso (1904-1983)*. 1998. n. f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

Fontes impressas

AYALA, Cardoso; SIMON, Feliciano. **Álbum Graphico de Matto-Grosso** (EEUU do Brasil). Corumbá; Hamburgo: Ayalas & Simon Editores, 1914.

CATÁLOGO DOS PRODUTOS ENVIADOS PELO ESTADO DE MATO GROSSO PARA A EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908. Estabelecimento Avelino Siqueira, Cuiabá, 1908.

Jornais

GAZETA OFFICIAL, Local: APMT, n. 3.359, 2 jan. 1912. Microfilme.

O MATTO GROSSO, Cuiabá, 21 fev. 1915.

O DEBATE. Cuiabá, 15 dez. 1914.

O ECHO, Cuiabá, 6 fev. 1915, p. 2.

REVISTA MATTO-GROSSO, Cuiabá, ano 11, n. 11, p. 269, nov. 1914.

REVISTA MATTO-GROSSO, p. 272, nov

GAZETA OFICIAL, Cuiabá, 2 jan. 1912.

Fontes virtuais

Mensagem do Governo à Assembléia Legislativa

MENSAGEM DIRIGIDA PELO EX. SR. DR. JOAQUIM A. DA COSTA MARQUES, Presidente do Estado de Mato Grosso, à Assembléia Legislativa ao instalar-se a 3ª. sessão ordinária da 9ª. Legislatura em 13 de maio de 1912. Cuiabá: Typografia Oficial. Disponível em: <<http://www.crl.edu/content/brazil/mato.htm>>. Acesso em: 6 set. 2008.

Artigo recebido em 18 de setembro de 2010.
Artigo aceito em 15 de outubro de 2010.